

Em Torno da "Semana" 17-2-1952

SERGIO BUARQUE DE HOLANDA

Por não nos haver chegado a tempo de ser incluído em nosso suplemento literário, o artigo do sr. Sergio Buarques de Holanda, crítico do DIÁRIO CARIOCA val hoje, excepcionalmente publicado neste local. — N. da R..

A Semana de Arte Moderna ganhou nestes trinta anos, com um prestígio quase inexpugnável, um perfil aproximadamente definitivo e que nenhuma das novas revelações já surgidas ou apenas prometidas tende a comprometer seriamente.

E é muito provável que a perspectiva do tempo, situando os fatos sob luz diferente, lhes tenha atribuído uma nova significação, nem por isso menos verdadeira, se comparada à que tinham eles durante os primeiros tempos. Pois, como sempre acontece nestes casos, os comparsas da aventura ainda não tinham certamente, em fevereiro de 22, consciência muito nítida de estar desempenhando o papel histórico a que mais tarde se achariam associados. A verdade é que esse papel veio, com o tempo, somar-se à sua obra, dando aos sucessos novo realce e até um acréscimo de realidade que, já agora, não parece lícito desdenhar.

De modo que, ao lado de sua história bruta, propriamente anedótica — a história que, em grande parte, hão de reviver alguns dos novos depoimentos — a Semana de Arte Moderna comporta uma espécie de mitologia heróica. Mitologia essa que, envolvendo, sem dúvida, uma transfiguração, não importa sempre ou necessariamente em uma desfiguração dos fatos tais como se passaram.

A esses fatos incorporou-se, aos poucos, a dimensão que lhes deram suas consequências diretas, suas repercussões e, não menos, seus antecedentes. Podendo inseri-los em um quadro mais amplo, os críticos de nossos dias estariam talvez em situação favorável para melhor elucidá-los e interpretá-los.

Encarada desse prisma, parecerá a eles bem claro que a Semana representou a oportunidade verdadeiramente sem par, em toda a história do modernismo, de uma convergência de orientações diversas e mesmo contrastantes, que pelejavam por afirmar-se, e não só nos terrenos literário e estético. Naquele verão de 1922 puderam, ao menos durante uma semana, congregarem-se essas energias dispares que pouco depois, no entanto, iriam seguir, cada qual, o próprio caminho.

Os apupos que assinalaram seu primeiro contato com o grande público serviram momentaneamente para unificá-la. E também o nome de "futuristas", que muito poucos aceitaram nos primeiros tempos e não tardariam em rejeitar. O único, se estou bem lembrado, que alguns anos depois da Semana ainda vi admitir de bom grado o rótulo importado da Itália de Marinetti, foi Graça Aranha. Não que o autor de *Estética da Vida* encontrasse qualquer afinidade particular entre suas próprias doutrinas e as que apregoava o famoso cabotino. Apenas a palavra "futurismo" parecia singularmente apta para a filosofia otimista que Graça gostaria de ver abraçada por todos os adeptos do movimento renovador.

Foi a imagem de certo modo unitária, criada pela Semana, que veio, no entanto, a projetar-se depois sobre todo o "modernismo", dando motivo a alguns equívocos teimosos sobre a verdadeira origem e a índole do movimento. Não tendo sido, a rigor, um "ponto de partida", aquela semana de escandalos, cujas origens imediatas foram ultimamente historiadas por Di Cavalcanti, representou um toque de reunir, embora efêmero. E marcou, de fato, o primeiro encontro do "modernismo" com o público. Nesse sentido — e, em verdade, só nele — não deixou de exercer sobre os agitadores de 22 uma ação estimulante.

Mas essa mesma influência exigia terreno previamente lavrado para recebê-la. Quando, em 1913, Lazar Segall realizou em São Paulo sua primeira exposição brasileira, não encontrou sequer a reação desfavorável que pode traduzir mais do que um

simples interesse convencional. Os próprios elogios que recebeu, partidos, paradoxalmente, de alguns dos setores mais reacionários da crítica, são o atestado desse convencionalismo. Fica-lhe, a Segall, o mérito talvez indiscutível da primazia, mas é preciso dizer que seu exemplo não teve seguidores pressurosos.

A situação iria modificar-se, porém, a partir de 1917. Estimulada, ao que parece, por Di Cavalcanti, entre alguns outros, a pintora paulista Anita Malfatti, que estudara na América do Norte, inaugura então sua exposição da rua Líbero Badaró. A polêmica logo suscitada por um artigo violentamente adverso de Monteiro Lobato terá sua significação histórica, pois entre os defensores da artista — Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia — encontram-se justamente os modernistas "das cavernas". O grupo reforça-se pouco mais tarde, com a exposição do escultor Brecheret. E o interesse, dirigido a princípio para as Artes plásticas, estende-se agora à literatura. De Oswald é a série de artigos, impressos a partir de 1920, com o célebre "Meu Poeta Futurista", no *Jornal do Comércio* de São Paulo. Esses artigos, as notas de Menotti — o *Helios* do *Correio Paulistano*, — os estudos de Mario de Andrade, ainda no *Jornal do Comércio*, dedicados, alguns deles, à minuciosa revisão crítica dos valores poéticos cuja ação ainda prevalecia quase sem contraste sobre nossa literatura da época, assinalam alguns momentos desse esforço contínuo. De 1920 são ainda os primeiros poemas de Paulicéia Desvairada.

E' mais ou menos conhecida a crônica desses sucessos. Meu próprio depoimento pessoal, depoimento antes de espectador interessado, mas que não chegou a participar deles, nem sequer do maior, que foi justamente a Semana de Arte Moderna, quase nada lhe acrescentaria. O interesse pela literatura moderna viera-me principalmente das conversas com Guilherme de Almeida. Em seu escritório de advocacia, à rua Quinze, assisti mesmo à elaboração do projeto de capa de Klaxon, inspirado, por sua vez, na capa do poema de Blaise Cendrara — *La Fin du Monde racontée par l'Ange N. — D* — que eu descobrira casualmente em uma livraria. Por esse tempo vim a travar relações com Menotti e, através deste, com Mario e com Oswald de Andrade. Uma consequência desses encontros foi certo artigo, sem dúvida bem canhestro, escrito com dezenove anos de idade, que, já de mudança para o Rio, publiquei em 1921 no *Fon-Fon* e de que só guardo lembrança do título: *Futuristas da Paulicéia*. Outra consequência foi o ter sido escolhido para representante, no Rio de Janeiro, do mensário que seria o portavoz da revolução modernista. Mas Klaxon, que teve seu aparecimento retardado por vários contratempos — um deles, a dificuldade de se encontrar tipografia disposta ou preparada para sua impressão — só viria a sair em maio de 22. Pertencem, assim, ao modernismo de depois da semana.

Nessa nova fase, aqueles "primitivos de uma era nova", conforme lhes chamaria Mario de Andrade, já não se encontravam sós. Do Rio, onde morava um precursor da altura de Manuel Bandeira, chegaram, justamente para a Semana, artistas e escritores interessados na tentativa. De simples aventura provinciana o modernismo pudera converter-se de súbito em autêntica revolução nacional. A Graça Aranha, que vindo em 1921 da Europa, não tivera parte nas origens do movimento deve-se largamente essa mudança.

Contudo a unidade de ação requerida pela Semana e o lugar de pontífice atribuído por alguns ao autor de *Estética da Vida*, não significava unidade de propósitos. Apenas para os incautos dissimulou-se assim o que havia de vario e complexo em um movimento irreduzível, apesar de certas aparências, à meia dúzia de fórmulas em que se procuram aprisioná-lo.

Para remessa de livros: Rua Haddock Lobo, 1625 (S. Paulo).